

O último carro: uma viagem de trem com João das Neves

Kátia Rodrigues Paranhos
Programa de Pós-graduação em História – UFU
Professora Associada – Doutora em História – Unicamp
Bolsista Pq – CNPq e FAPEMIG

Resumo: Esta comunicação aborda os sentidos do engajamento a partir das representações inscritas em *O último carro*, de João das Neves. Nessa peça, avultam como temas a solidão e a decadência humana, a superexploração do trabalho humano e a morte prematura como horizonte permanente. Sobressaem, portanto, sujeitos sociais distintos, marcados pela tragédia individual e coletiva. Nesse sentido, João das Neves notabilizou-se pelo engajamento político ou “legítimo”, como lembra Eric Hobsbawm noutro contexto, aliado à capacidade de lançar idéias, perguntas e desafios, em plena ditadura militar, no campo das artes, propondo então indagações que ecoam até os dias de hoje.

Palavras-chave: João das Neves, engajamento, representações.

A situação das classes trabalhadoras constitui tema de destaque na obra de João das Neves. Basta lembrar de *O último carro* (1976), um dos seus mais importantes trabalhos, metáfora do Brasil em um trem desgovernado, montado pelo Grupo Oficina em 1976. Nesse texto a ação dá-se quase inteiramente nos vagões de um trem, onde, numa simples viagem pelos subúrbios cariocas, mendigos, operários e personagens comuns do cotidiano revelam, entre uma parada e outra, seus dramas particulares:

É um texto em que o povo brasileiro é agente e paciente, autor e intérprete de si mesmo. Seu universo é o universo dos subúrbios cariocas, onde vivem mais de 65% da população útil do Rio de Janeiro. É o universo dos que precisam se utilizar diariamente dos trens suburbanos. Neles perdem 1/3 dos seus dias, 1/3 das suas vidas. É o universo dos “emparedados” pelos vagões da Central ou Leopoldina ou qualquer via férrea por este Brasil afora. É um Universo trágico, regido pelos deuses cegos de um Olimpo sem grandeza, num mundo que não produz mais herói porque o heroísmo está encravado na luta cotidiana pela sobrevivência de toda a população de uma cidade, de um país, de um mundo.¹

O autor, tradutor, ator, diretor e iluminador João das Neves, nascido no Rio de Janeiro em 1935, participou de importantes grupos de teatro como o do Centro Popular de Cultura (CPC), da União Nacional dos Estudantes (UNE), o CPC-UNE/Setor Teatro (RJ), o Opinião (RJ) e o Poronga (AC). Sua entrada no CPC ocorreu quando da montagem da peça *A grande estiagem* (1958), de Isaac Gondim Filho. O grupo de João das Neves, denominado Os Duendes (1959/1963), foi expulso do Teatro Artur Azevedo e acusado de comunista pelo governo de Carlos Lacerda. Logo, a inclusão do diretor no CPC deu-se à medida que a repressão da administração estadual chegava cada vez mais próxima aos grupos periféricos. Nesse episódio, o grupo encontrou solidariedade no CPC, cuja idéia principal era

¹ NEVES, João das. *O último carro*. Rio de Janeiro: Grupo Opinião, 1976, p. 5

difundir os valores nacionais e acontecimentos políticos daquele momento, por meio de representações cênicas que eram levadas aos mais variados espaços e públicos.

De certa maneira, pode-se afirmar que o CPC trabalhava com Os Duendes, no Teatro Artur Azevedo, como teatro de fantoches e de rua, no entanto, utilizava e encenava textos baseados nos acontecimentos políticos do momento; os integrantes escreviam roteiros e iam para a rua representar. Essa atividade serviu muito a João das Neves como pesquisa de linguagem de autor, de ator e diretor, uma vez que, como autor, por exemplo, tinha experiência apenas com textos para crianças. Paulatinamente, adquiriu agilidade de tomar um tema e transformá-lo rapidamente em um esquete, o que se tornou uma das características marcantes de sua produção textual: a rusticidade, o imediatismo simples e ao mesmo tempo sofisticado do teatro de rua e a agilidade em escrever um texto sobre determinado tema.

Imediatamente após o golpe militar de 1964, um grupo de artistas ligados ao CPC (posto na ilegalidade) reuniu-se com o intuito de criar um foco de resistência e de protesto àquela situação. Foi então produzido o *show* musical *Opinião*, com Zé Kéti, João do Vale e Nara Leão (depois substituída por Maria Bethânia), cabendo a direção a Augusto Boal. O espetáculo, apresentado no Rio de Janeiro em 11 de dezembro de 1964, no Teatro Super Shopping Center, marcou o nascimento do grupo, batizado com o nome da peça, bem como o do próprio teatro, que viria a se chamar Opinião. Os integrantes do núcleo permanente eram Oduvaldo Vianna Filho (o Vianninha), Paulo Pontes, Armando Costa, João das Neves, Ferreira Gullar, Thereza Aragão, Denoy de Oliveira e Pichin Plá.

Desde a sua fundação, o grupo privilegia a arte popular, abrindo espaço para *shows* com compositores das escolas de samba carioca, não apenas influenciando na mudança de gosto do público, mas também, por intermédio dessa mescla de espaços, facilitando a disseminação da cultura periférica aos centros de divulgação. Assembléias, reuniões e demais manifestações de protesto da categoria teatral faziam do Opinião seu epicentro nos primeiros anos após o golpe militar.

É importante salientar que o grupo focaliza suas ações no teatro de protesto, de resistência e também se caracteriza por ser um centro de estudos e de difusão da dramaturgia nacional e popular. Afinado com essas propostas artísticas e ideológicas, o diretor privilegia a montagem de textos, tanto nacionais quanto estrangeiros, que sirvam de enfoque para a situação política do Brasil nos anos da ditadura militar, tais como: *A saída, onde fica a saída?* (em 1967), de Armando Costa, Antônio Carlos Fontoura e Ferreira Gullar; *Jornada de um imbecil até o entendimento* (1968), de Plínio Marcos²; *Antígona* (1969), de

² É interessante perceber como a dramaturgia de Plínio Marcos está muito próxima da obra de João das Neves. Da existência miserável dos sujeitos despossuídos que habitam o mundo do trabalho, à cidade moderna, lugar dos sonhos e pesadelos, da industrialização moderna, do desemprego e da pobreza. Conferir PARANHOS, Kátia

Sófocles, numa tradução de Ferreira Gullar; *A ponte sobre o pântano* (1971), de Aldomar Conrado; *Mural mulher* (1979) e *Café da manhã* (1980), ambos de João das Neves.

Em 1976, como mencionado anteriormente, o Oficina levou à cena carioca o texto *O último carro*, de João das Neves.

Numa fantástica ambientação cenográfica de Germano Blum, que dá ao espectador a exata sensação de estar viajando num trem de subúrbio, desenrola-se uma série de pequenos, mas terríveis dramas cotidianos vividos pelos habitantes da periferia que dependem desse meio de transporte. (...) João das Neves, ao mostrar a dura realidade desse submundo e ao cercá-la de generoso calor humano, criou o equivalente brasileiro de “Ralé”, a obra-prima de Gorki.³

Nesse sentido, o foco de análise está centrado nas relações de poder estabelecidas confusamente num emaranhado de seres ignorados pelos “cidadãos contribuintes”, fazendo emergir uma fauna de alcagüetes, prostitutas, homossexuais, cafetões e cafetinas, operários, policiais corruptos: seres jogados em cena sem nenhuma cortina de fumaça. Nessa peça, avultam como temas a solidão e a decadência humana, o círculo vicioso da tortura mútua e a absoluta falta de sentido nas vidas degradadas, a sexualidade e os padrões de comportamento dominantes, o beco sem saída da miséria e a violência, a superexploração do trabalho humano e a morte prematura como horizonte permanente. Sobressaem, portanto, sujeitos sociais distintos, marcados pela tragédia individual e coletiva.

O *último carro* retoma tanto o problema social quanto o existencial numa dimensão histórica dos dramas enfrentados pelos trabalhadores na sociedade capitalista. Em cena: a luta pela sobrevivência, a solidão nas grandes metrópoles, o trabalho precarizado, o desemprego, a situação de abandono no campo, o individualismo e o narcisismo dos próprios operários, a circularidade entre o “bem” e “mal”, a exposição dos preconceitos sociais, a busca pelo “caminho fácil” do crime, o desânimo, a crueldade, a violência.

É madrugada, e o trem, de estação em estação, carrega pessoas que se apertam, dormem, suspiram para mais um dia de trabalho, mais um dia sem emprego, mais um dia de espera. Sobreviver é a única possibilidade. Assim, é irônica a frase “A coisa que mais prezo no mundo é a minha liberdade” dita por Zé, um mendigo bêbado, maltrapilho, que sobrevive de esmolas e que por elas briga até o final da cena com sua companheira, Zefa, uma mulher tão abandonada quanto ele. Mas, haverá algum eco? Surpreendentemente, o trem começa a correr sem rumo, sem maquinista, sem freios. Todos abruptamente saem do torpor de suas rotinas e integram-se em uma viagem radical, limiar, definidora de posições e atitudes, causadora de desespero, pânico, perdas e também de uma intensa luta por

Rodrigues. O grupo de teatro Forja e Plínio Marcos: “Dois perdidos numa noite suja”. *Perseu: História, Memória e Política* – Revista do Centro Sérgio Buarque de Holanda, v. 1, n. 1, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2007: 265-284.

³ MICHALSKI, Yan. *O teatro sob pressão: uma frente de resistência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985: 67.

uma saída ao trem desgovernado. Uma saída para a vida. Deolindo, um operário, sugere desprender o último carro do restante da composição. Uma criança é jogada acidentalmente do trem. Um marginal se suicida pulando do trem. Um beato anuncia o juízo final e conclama a população para desistirem de qualquer tipo de saída, senão aquela da oração e do arrependimento de seus pecados. Trava-se uma luta entre os dois grupos. Deolindo é morto. Uma prostituta, que acaba de ser violentada, ampara a cabeça de Deolindo em seus joelhos. As pessoas do último carro tentam desvencilhar o vagão; os demais rezam. Um enorme estrondo domina a cena. O último carro lentamente pára. Imagens de desastre de trem, corpos mutilados. Diante das imagens, todos velam o corpo de Deolindo. Um coro de mulheres dirige-se ao público. Mulheres viúvas, mulheres sem pais, sem filhos.⁴

Os passageiros dessa viagem – homens e mulheres – estão sentados nos vagões de um trem, onde estórias simples, de pessoas simples, são desfiadas. A narração das vivências populares aparece encarnada em vários pequenos conflitos dramáticos, desde o que retrata o casal de mendigos no início da peça até aquele de que são protagonistas Beto e Mariinha, passando pelo episódio da família da estação, pela discussão dos marginais. Existiria alguma identificação entre aquelas pessoas e os espectadores? “Ele era tão diverso do senhor, moço. E, no entanto, igual’. O ruído das rodas do trem vai dominando o ambiente e como que repetindo em sua cadência rítmica a última pergunta dirigida aos espectadores. ‘Qual a estação mais próxima? A mesma de ontem?’ A peça não termina”.⁵

Por sinal, ao se referir aos diferentes gêneros literários, Benoît Denis salienta que o teatro é um “lugar” importante do engajamento; é exatamente aquele que propicia as formas mais diretas entre escritor e público: “através da representação teatral, as relações entre o autor e o público se estabelecem como num tempo real, num tipo de imediatidade de troca, um pouco ao modo pelo qual um orador galvaniza a sua audiência ou a engaja na causa que defende.”⁶

Caminhando por trilhas diversas João das Neves notabilizou-se pelo engajamento político aliado à crítica à sociedade capitalista. Como sismógrafo de seu tempo, lançou idéias, perguntas e desafios no campo das artes que ecoam até os dias de hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADER, Wolfgang (org). *Brecht no Brasil: experiências e influências*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

⁴ HENRIQUE, Marília Gomes. *O realismo crítico-encantatório de João das Neves*. Dissertação (Mestrado em Artes) – IA/Unicamp, Campinas, 2006: 33.

⁵ NEVES, João das. *A análise do texto teatral*. Rio de Janeiro: Editora Europa, 1997: 63.

⁶ DENIS, Benoit. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. Bauru: Edusc, 2002: 83.

BARCELLOS, Jalusa. *CPC da UNE: uma história de paixão e consciência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

DENIS, Benoit. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. Bauru: Edusc, 2002.

HENRIQUE, Marília Gomes. *O realismo crítico-encantatório de João das Neves*. Dissertação (Mestrado em Artes) – IA/Unicamp, Campinas, 2006.

KÜNNER, Maria Helena e ROCHA, Helena. *Opinião: para ter opinião*. Rio de Janeiro: Relumé Dumará/Prefeitura, 2001.

MARQUES, Maria do Perpétuo Socorro Calixto. *A cidade encena a floresta*. Rio Branco: Eufac, 2005.

MICHALSKI, Yan. *O teatro sob pressão: uma frente de resistência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

NEVES, João das. *O último carro*. Rio de Janeiro: Grupo Opinião, 1976.

_____. *A análise do texto teatral*. Rio de Janeiro: Editora Europa, 1997.

PARANHOS, Kátia Rodrigues. O grupo de teatro Forja e Plínio Marcos: “Dois perdidos numa noite suja”. *Perseu: História, Memória e Política – Revista do Centro Sérgio Buarque de Holanda*, v. 1, n. 1, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2007, p. 265-284.

ZANOTTO, Ilka Marinho. *Yuraiá, o rio do nosso corpo*. São Paulo: ImaginArt Computação Gráfica, 1992.